

## LIVROS &amp; AUTORES

## O Brasil e o Ouro

Leonardo ARROYO

O estranho sociológico, expressão de Spencer na ciência do exame do homem em sua sociedade, parece tornar-se o elemento mais frisante da importância deste novo estudo de Charles R. Boxer, "A Idade de Ouro do Brasil" (Companhia Editora Nacional, 1964), publicado sob os auspícios da Sociedade de Estudos Históricos D. Pedro II, em tradução de Nair Lacerda, prefácio de Carlos Rizzini e nota de apresentação de J. F. de Almeida Prado. Ao leitor familiarizado com a terminologia da sociologia ortodoxa, como seria a da escola norte-americana, é possível que a expressão provoque alguma dúvida. Mas o "estranho sociológico" é entendido, sobretudo, como o elemento que vê os fenômenos de uma sociedade sem dela participar, imune aos seus complexos condicionamentos. De modo que pode empreender uma análise fecunda e objetiva, imparcial e serena, de laboratório, como no caso de Charles R. Boxer, mestre de português camoniano no King's College da Universidade de Londres e um dos estrangeiros que melhor estudaram e interpretam o complexo cultural português nos badanaís do mundo, do qual foi ele um revelador histórico. Este livro é a prova suficiente da seriedade com que vem estudando as manifestações culturais lusitanas e, no caso particular, o período das "dores de crescimento de uma sociedade colonial" — a brasileira — sob a constante da exasperação do ouro nos séculos XVII e XVIII. E assim o faz não na pura linha do fato histórico sucessivo, mas em suas implicações numerosas no que tem de sociológico, de etnológico ou de etnográfico. Quer dizer que Charles R. Boxer, fundamentado num equipamento cultural dos mais elogiáveis, pôde nos dar agora uma visão ampla e universal de determinada fase do Brasil colonial, ou seja, aquela desenvolvida sob a dramática exigência do ouro. Fase, aliás, já estudada entre nós, do ponto de vista essencialmente brasileiro e, por isso mesmo, não poucas vezes prejudicada em sua compreensão de universalidade. Esta fase importante, universal, repetimos, pelas suas consequências na economia, na política e na cultura européia e por extensão do mundo, é-nos mostrada agora do ponto de vista europeu, ou mais particularmente do ponto de vista de um erudito da Grã-Bretanha, que foi a mais direta beneficiária dessa terrível, dramática e épica página de sofrimento e tortura da história brasileira. Se a tónica do livro, como o título indica, é o ouro das Minas Gerais com o elenco dos fatos que



Charles R. Boxer

antecederam a localização dos veios auríferos (o pioneirismo paulista na fenomenologia da neurose da penetração, ou no que Charles R. Boxer chama de "paixão ambulatória" do homem do planalto, mameluco), nem por isso deixou de realizar o levantamento e a interpretação do que Carlos Rizzini assinala, com muita propriedade no prefácio, de "senso de inter-relação e interdependência dos acontecimentos no plano histórico", e a que poderíamos acrescentar também no plano sociológico e econômico. Daí que as páginas do livro de Charles R. Boxer se estendem agudamente pela análise dos fatos que criaram a paisagem do ouro, a cultura do ouro, os abusos do ouro e ao mesmo tempo sua contraditória grandeza "nas suas relações e nas suas implicações com o mundo civilizado". Mercê de magnífica documentação, haurida de forma rara entre os nossos intérpretes em fontes simultaneamente portuguesas, francesas, espanholas, holandesas e inglesas, consegue Charles R. Boxer nos dar uma visão total do ciclo do ouro no Brasil, ao mesmo tempo que visões parciais (mas sempre totalizadas em sua realidade e nas suas ligações com o fato fundamental do tema) de todos aqueles episódios tributários da ansia bandeirante de procurar "remédio para sua pobreza" no devassamento do sertão. A pobreza paulista, assinala, leva o mameluco de encontro à riqueza das Gerais. Ai se nota, em toda sua pujança, o fator econômico na expansão territorial, pondo de lado os valores românticos com que sempre se pretendeu explicar as correrias bandeirantes pelo interior do país nos dois primeiros séculos da colonização, embora não sejam tão distantes assim as lições de Sergio Bagu sobre a economia colonial hispano-americana. É este livro de Charles R. Boxer, pois, até certo ponto, uma revisão das "dores de crescimento de uma sociedade colonial" (subtítulo da obra), acrescida de contribuições novas e lucidas para conhecimento e interpretação dessa importante fase da civilização brasileira que encontrou repercussões universais pelo abreviamento e antecipação do surto industrial inglês. Da mesma forma que, no primeiro século, o índio iria contribuir, com o testemunho de Montaigne, para uma nova concepção do homem com os recursos de sua redenção em si mesmo. De modo que, diante desta obra, não se pode deixar sem referência a Sociedade de Estudos Históricos D. Pedro II pelo incentivo que vem dando a numerosos pesquisadores do nosso passado, do que já se colhem importantes ensaios, como este de Charles R. Boxer, que se evidencia, conforme J. F. de Almeida Prado na apresentação, "tal novo Southey, como um dos maiores conhecedores da história colonial portuguesa". E, no caso, do passado brasileiro bem próximo.